SUCO CÍTRICO

Mais uma vez, ajudados pelas geadas na Flórida

Os excelentes resultados obtidos pela citricultura brasileira no ano de 1978, com um crescimento de 87,9% no valor das exportações de suco, propiciadas pela quebra da safra norte-americana de 1977, resultaram numa expansão significativa na área plantada com laranja no estado de São Paulo, maior produtor do país. Aliás, a taxa média de crescimento desta atividade, naquele estado, no período 1974/80 foi bem elevada, pois foram plantados 55,18 milhões de pés novos, 51,1% do total de pés atualmente existentes.

Como resultado daquele bom desempenho, foram plantados, em 1979, 15,9 milhões de pés, que estão entrando em produção na atual safra. Este elevado número de novos pomares permite explicar o incremento esperado para as futuras safras paulistas. Com efeito, estima-se que a safra de laranja 1981/82 do estado de São Paulo deverá chegar à casa das 185 milhões de caixas (40,8 quilogramas cada), um resultado 6% superior ao da precedente (ver Quadro 1).

Cabe registrar, porém, que, a partir de 1980, a tendência à ampliação da área plantada começou a ser revertida, tendo em vista que, em 1980 e em 1981, o número médio de novos pés plantados chegou a 2,3 milhões, ou seja, praticamente o número necessário para substituir os pés velhos que deixaram de produzir. Ressalte-se que o nível de produção já está bem próximo da capacidade instalada da indústria (ver Quadro 2) e que a produção de suco nos últimos anos não tem encontrado facilmente compradores no mercado externo. Desta forma, pode-se prever que não deverão ocorrer grandes expansões na área plantada com a cultura nos próximos anos, na medida em que um aumento no nível atual de produção iria resultar em queda nos preços recebidos pelos produtores e um conseqüente abandono dos laranjais.

Quanto aos preços que serão pagos pela indústria na safra que se inicia em maio, nada foi definido ainda e parece que deverão manter uma relação direta com o novo preço mínimo de exportação do suco, que a Cacex deverá fixar nos próximos meses. Os exportadores desejam manter o mesmo preço da safra atual, pois alegam que um aumento iria causar uma retração na demanda, na medida em que os importadores, cientes da disponibilidade de suco existente no Brasil, reduziriam suas compras, forçando a queda dos preços.

Caso seja mantido o mesmo preço de exportação, o novo valor da caixa de laranja poderia ser fixado levando-se em consideração a desvalorização cambial do período compreendido entre fevereiro de 1981 (quando foi fixado o preço mínimo da atual safra) e o mês no qual for definido o novo preço mínimo. Esta sistemática permitiria que o preço pago aos produtores fosse reajustado no mesmo nível da inflação, o que manteria o valor real recebido pelos produtores.

O atual nível de produção da indústria, aproximadamente 600 mil t/ano, já se tornou um problema há algum tempo, tendo em vista que a parcela do Brasil no mercado internacional gira em torno de 400 mil t e que este mercado tem crescido a uma taxa média anual aproximadamente 10%, inferior à taxa média de expansão da indústria brasileira. Constituem exceção, contudo, os períodos nos quais ocorrem quebras significativas na produção norte-americana, forçando aquele país a intensificar suas importações. Isto aconteceu, mais recentemente, nos anos de 1977, 1981 e 1982, quando a produção de laranja do estado da Flórida foi severamente atingida por intensas geadas, perdendo-se quase 20% da safra e reduzindo-se o rendimento industrial em aproximadamente 10% (em 1982, o rendimento industrial estava estimado inicialmente em 1,42 galão/caixa, estando estimado agora em 1,28 galão).

As quebras nas safras norte-americanas propiciaram ao Brasil, até o

momento, o escoamento de sua produção de suco concentrado de laranja sem problemas mais sérios. Contudo, a dependência de um fator tão aleatório como o clima coloca o país numa produção muito vulnerável, na medida em que a não-ocorrência de perturbações que prejudiquem a safra dos EUA resultará imediatamente num acúmulo de estoques. Isto fatalmente derrubará os preços externos do produto, trazendo enorme prejuízo para a indústria e para os citricultores brasileiros.

As conseqüências da geada que ocorreu em meados de janeiro passado e a atual situação do setor no Brasil, são um exemplo típico dos movimentos cíclicos por que passa a citricultura brasileira, em função de fatores fora de seu controle, que, na verdade, acabam sendo fatores determinantes do processo de desenvol-

QUADRO 1

LARANJA: SÃO PAULO — Número de Pés Plantados e Produção de Laranja — 1970-82

	Pés Plantados no Ano (em mil pés)	Pés Adultos (mais de 3 anos) (em mil pés)	Total de Pés Plantados (em mil pés)	Produção (em mil caixas)	Rendimento Ajustado (caixas/pés)
1970	5.000	23.433	39.000	44.350	1,9
1971	6.200	25.435	44.000	46.000	1,8
1972	6.200	38.830	50.200	60.700	1,6
1973	6.300	39.000	56.500	69.600	1,8
1974	13.518	44.000	70.018	89.000	2,0
1975	4.260	50.200	74.278	87.200	1,7
1976	5.865	52.303	75.946	101.700	1,9
1977	4.725	64.421	79.271	101.500	1,6
1978	8.058	66.600	87.329	119.200	1,8
1979	15.941	81.330	103.270	151.500	1,9
1980(*)	2.820	85.490	106.090	166.790	2,0
1981(*)	1.800	86.720	107.890	175.000	2,1
1982(**)	—	—	—	185.000	—

(*) dados preliminares.
(**) estimativa.
FONTE: IEA.

vimento, tanto do parque industrial, como do próprio setor de produção agrícola. A recente quebra de 16% na safra 1981/82 do estado da Flórida, safra esta já inferior à passada, em 5,5%, resultou no escoamento de todo o estoque de suco existente nas mãos da indústria, em janeiro (aproximadamente 160 mil t), o que trouxe certa tranqüilidade aos produtores e industriais. Estes já estavam temerosos com a perspectiva de entrarem em um novo ano comercial carregando um estoque remanescente da ordem de 170 mil t, aproximadamente. A existência de um estoque desta magnitude, acrescido à produção esperada de cerca de 600 mil t, resultaria numa oferta muito grande do produto e num volume exportável muito superior à capacidade de absorção do mercado externo, visto que o consumo interno de suco continua mantendo a mesma tendência à estagnação, ou seja, cerca de 20 mil t/ano são consumidas no mercado doméstico.

Graças, mais uma vez, à quebra na safra dos EUA, 1982 prometer ser um ano muito bom para a citricultura brasileira, a exemplo do que foi 1981, quando foram exportadas 580 mil t de suco, com uma receita de aproximadamente US$ 640 milhões, 89,0% superior à receita auferida no ano anterior (ver Quadro 3). Ao que tudo indica, este ano o Brasil conseguirá novamente escoar uma quantidade recorde de suco para o mercado internacional. De fato, já no mês de janeiro, a quantidade exportada deverá ter sido bastante

QUADRO 2

BRASIL — Capacidade Instalada da Indústria Produtora de Suco Cítrico Concentrado Segundo as Principais Empresas — 1980/81

Empresas	Capacidade Instalada (1.000 caixas)	Participação no Total
Suco Cítrico Cutrale	75.000	33,1
Citrossuco Paulista	51.500	22,8
Sucorrico Holding (Cutrale/Citrossuco)	24.000	10,6
Cargill	30.000	13,3
Frutesp	27.000	11,9
Frutropic	4.500	2,0
Citrovale	4.500	2,0
Citromogiana	4.500	2,0
Frutas Matão	3.000	1,3
Branco Peres	2.250	1,0
TOTAL	226.250	100,0

superior à verificada em igual período do ano passado, encerrando-se o ano comercial 1982/83 (em 31 de maio de 1983) com um estoque provavelmente em níveis considerados normais, entre 40 e 60 mil t.

A última estimativa do USDA acusa uma produção de suco em sua atual safra em torno de 142,95 milhões de galões, contra 180,95 milhões estimados anteriormente. Vale ressaltar que o grau de sólidos solúveis do suco vendido no mercado norte-americano foi rebaixado nesta safra para 42° Brix, contra 43,4° Brix na safra 1980/81. Isto, naturalmente, reverteu numa maior quantidade de suco produzida, na medida em que a diminuição desta graduação nada mais é do que o aumento da quantidade de água, ou seja, para a mesma quantidade de suco, tem-se, agora, 42% de sólidos solúveis, quando, na safra passada, este percentual era de 43,4%.

Quanto aos danos da geada de janeiro sobre a produção atual e so-

QUADRO 3

BRASIL: Volume e Valor das Exportações de Suco Cítrico Concentrado — 1970 a 1982

Ano	Volume (t)	Variação Anual (em %)	Valor (US$ 1.000 FOB)	Variação Anual (em %)	Preço Médio de Exportação (US$/t)	Variação Anual (em %)
1970	33.468	43,9	14.736	35,0	440,30	-6,2
1971	77.334	131,0	35.859	143,3	463,68	5,3
1972	87.156	12,7	41.499	15,7	476,14	2,7
1973	120.990	38,8	63.622	53,3	525,84	10,4
1974	108.460	-10,3	59.170	-7,0	545,54	3,7
1975	180.903	66,8	82.204	39,0	454,40	-16,7
1976	209.858	16,0	100.900	22,7	480,80	5,8
1977	213.524	1,7	177.026	75,4	829,06	72,4
1978	335.644	57,2	332.642	87,9	991,06	19,5
1979	292.200	-12,9	281.414	-15,4	963.08	-2,8
1980	401.026	37,2	338.652	20,3	844,46	-12,3
1981*	580.000	44,6	640.000	89,0	1.103,40	30,7
1982**	650.000	12,1	780.000	21,8	1.200,00	8,7

FONTE: CACEX.
* dados preliminares.
** estimativa.

bre as futuras safras da Flórida, o USDA divulgou em sua última estimativa (dados de 1º de fevereiro) uma quebra na produção 1981/82 da ordem de 16,4%, sendo que a variedade mais afetada foi a de laranjas "Valência", com uma quebra de 26% (ver Quadro 4). Esta variedade foi a que teve suas árvores menos prejudicadas na geada de 1981 e, para esta safra, esperava-se um aumento da ordem de 9%, em relação à sua quantidade colhida na safra anterior. Agora, a safra que se espera de "Valências" deverá ser 19% inferior ao

QUADRO 4

EUA — Produção de Laranja nos Principais Estados Produtores — Safras 1979/80 - 1981/82
(em mil caixas)

Estados	1979/80	1980/81	Variação Anual (em %)	1981/82	Variação Anual (em %)
Flórida					
Precoces	117.900	105.600	-10,4	82.000	-22,3
Temples	6.000	3.600	-40,0	3.000	-16,7
Valências	88.800	66.800	-24,8	54.000	-19,2
TOTAL	212.700	176.000	-17,2	139.000	-21,0
Califórnia					
Precoces	32.600	38.750	18,9	27.000	-30,3
Valências	27.000	27.500	1,9	22.000	-20,0
TOTAL	59.600	66.250	11,1	49.000	-26,0
Texas					
Precoces	2.300	2.600	13,4	3.600	38,4
Valências	1.730	1.730	—	2.400	38,7
TOTAL	4.030	4.330	7,4	6.000	38,6
Arizona					
Precoces	850	900	5,9	900	—
Valências	2.650	1.700	-35,8	1.900	11,8
TOTAL	3.500	2.600	-25,7	2.800	7,7

FONTE: Unicom News e USDA.
NOTA: 1 caixa no estado da Flórida = 40,8 kg.
1 caixa nos estados da Califórnia e do Arizona = 34,02 kg.
1 caixa no estado do Texas = 38,55 kg.

colhido em 1980/81, participando com 39% da produção estadual.

As laranjas precoces, variedades menos atingidas desta feita, com uma quebra de apenas 7,8% sobre a produção esperada em janeiro deste ano, sofreram mais com a geada de 1981, pois a atual safra (estimativa de janeiro) seria 15,7% inferior à quantidade colhida em 1980/81.

De maneira geral, contudo, parece que a geada de janeiro passado afetou um número maior de árvores do que a anterior, levando à erradicação de uma quantidade maior de laranjais, na medida em que a área atingida foi bem superior à do ano passado.

Quanto ao consumo de suco concentrado de laranja nos Estados Unidos, este deverá manter-se estável, visto que os preços reais, em nível de consumidor, deverão também seguir esta tendência, a exemplo do que ocorreu em 1981. Naquela ocasião, os processadores elevaram os preços logo após a geada; posteriormente, contudo, viram-se obrigados a reduzí-los, pois começaram a aparecer indícios de queda na quantidade consumida. Para os industriais daquele país, é mais vantajoso aumentar o nível de importações, reprocessar o suco e vendê-lo no mercado interno. Deste modo, podem praticar preços mais atrativos para o consumidor e, assim, manter o nível de vendas.

No Brasil, os industriais-exportadores já começaram a tomar algumas medidas com vista a diminuir a dependência do setor em relação aos fatores climáticos que, porventura, venham a afetar as próximas safras norte-americanas. A entrada do suco brasileiro nos mercados do Oriente Médio, em embalagem do tipo *longa vida*, é um passo importante para a penetração brasileira em novos mercados consumidores, alargando seu leque de opções e diminuindo a dependência em relação aos importadores tradicionais. Outro fator importante nesta direção foi a criação de um consórcio entre as indústrias exportadoras visando disciplinar o mercado através de um sistema de quotas de exportação, distribuídas com base na capacidade de produção de cada indústria e em sua performance nas exportações, nos últimos anos. O imposto de exportação também deverá tornar-se uma quota de contribuição, vindo a constituir um fundo financeiro que o setor utilizará para a formação de estoques e para a divulgação do produto no mercado externo. A decisão final sobre a transformação do imposto em quota de contribuições ainda não foi tomada, devendo ser discutida nas próximas reuniões do Conselho Monetário Nacional.

A aplicação destas medidas deverá resultar numa dependência menor da citricultura brasileira em relação a fatores que estão fora de seu controle, tornando o mercado mais estável e, conseqüentemente, mais estruturado.

SUINOCULTURA

A saída poderia ser o mercado internacional

A reativação sazonal do mercado de suínos, no final do ano passado, não chegou a traduzir-se num aumento real dos preços capaz de proporcionar uma recuperação da produção, no médio prazo. Na verdade, o preço real recebido pelos produtores do Sul do país, no segundo semestre de 1981, foi 9% inferior ao do primeiro semestre e 15,3% inferior ao preço médio de igual período de 1980.

Mesmo considerando-se apenas o último trimestre do ano, época de expansão das compras das indústrias, a média do preço real, naquele período de 1981, foi 6,7% inferior à média dos últimos três meses de 1980, o que deixa claro que a crise financeira pela qual passaram os suinocultores, no ano passado, foi das mais sérias. A extensão do problema pode ser mais bem avaliada, levando-se em conta que esta tradicional aceleração das compras industriais esbarrou, em 1981, numa oferta de animais terminados relativamente contraída, pois o desincentivo à produção fez com que os criadores diminuíssem seus plantéis. Assim, não causa espanto que as primeiras estimativas indi-